

1

Afastando os males: arte e apotropismo

Maria Berbara (UERJ)

Patrícia Meneses (UNICAMP)

Tamara Quírico (UERJ)

Há poucas instâncias em que a ideia de “arte em ação” se manifeste de modo mais evidente do que no apotropismo. Nas mais variadas coordenadas espaço-temporais, artistas criaram obras que se propunham a afastar malefícios. Amuletos, varinhas, sinos, chocalhos, imagens religiosas, etc., foram com frequência concebidos enquanto objetos capazes de efetivamente proteger indivíduos ou grupos sociais contra uma dada fonte de perigo – seja esta uma pessoa, deidade ou entidade mágica. Do *nazar boncugu* originário da atual Turquia a crucifixos; de amuletos representando falos, no antigo mundo romano, às gárgulas esculpidas em igrejas e catedrais europeias; figas, balangandãs, máscaras, talismãs, carrancas – são inúmeras as instâncias em que objetos foram fabricados a fim de proteger quem os portasse em seu corpo, casa, navio, entre outros. Esta sessão temática, realizada no âmbito do 34o. Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, pretendeu reunir apresentações variadas ao redor do tema do apotropismo na arte, considerando, sobretudo, a capacidade que objetos apotropaicos, enquanto manifestações religiosas, culturais e artísticas, possuem de atuar afirmativamente no mundo.

Partindo do mundo antigo, Kátia Pozzer estudou o uso de amuletos de caráter apotropaico na civilização mesopotâmica. Deslocando-se para a Roma antiga, Antônio Leandro Barros discutiu a possibilidade de um pensamento apotropaico na composição da história da arte de Plínio, o Velho, em sua *História Natural*.

No campo dos estudos renascentistas, Alexandre Ragazzi analisou a presença de amuletos, joias e rosários fabricados com corais em algumas pinturas produzidas na Itália durante os séculos XV e XVI, e Andreia Rodrigues estudou os talismãs indicados por Marsilio Ficino em seu *De Vita Triplici* para afastar e combater a melancolia.

Paula Vermeersch, concentrando sua pesquisa nos últimos séculos da Idade Média, discutiu os púlpitos esculpido por Nicola e Giovanni Pisano, analisando-os a partir das prédicas proferidas por membros da Ordem Franciscana. Elias Feitosa pesquisou a devoção mariana na Catedral de Chartres, relacionando dois objetos apotropaicos ao vitral *Les miracles de Notre-Dame*, no qual estão representados.

Deslocando o foco para a primeira época moderna, Clara Habib estuda representações tridimensionais das chamadas Virgens Abrideiras, discutindo seu caráter apotropaico em contextos específicos, como gestações difíceis e desastres naturais. Francislei Lima, por sua vez, analisou o caráter simbólico de elementos decorativos presentes em constructos que de algum modo se relacionam à água no Brasil Colônia. Rafael Castells, por fim, pesquisou uma pintura do século XVII que sintetizaria através de seus elementos iconográficos o embate político-religioso que se desenvolveu na América após sua descoberta e ocupação.

Trazendo o estudo sobre o apotropismo à modernidade, Luana Wedekin analisa um conto de Nikolai Gogol e uma pintura de Mikhail Vrubel à luz do conceito de imagem sintoma de Didi-Huberman. Ana Mannarino, por fim, associou uma instalação de Mira Schendel ao momento político e à sua participação na Bienal de São Paulo de 1969.
